

A FORMAÇÃO DA PESSOA HUMANA À LUZ DO MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO: ASPECTOS TEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS

Giselle Freitas Praxedes⁵³
Dr. Flávio Pereira Nolêto⁵⁴

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão teológica, antropológica e pedagógica da formação da pessoa humana à luz do mistério da Encarnação. O seu itinerário parte da reflexão teológica evidenciando os pressupostos antropológicos necessários à construção de uma obra pedagógica a fim de realizar uma leitura que vise à formação integral em seus múltiplos aspectos. O mistério da Encarnação como revelação do desígnio divino em relação ao homem constitui um autêntico paradigma da formação da pessoa humana chamada a encontrar em Cristo a sua identidade ontológica e sua plenitude.

Palavras-chave: Economia da salvação. Cristo. Homem. Humanização. Divinização. Recapitulação.

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a formação da pessoa humana, tema complexo e sempre atual, que supõe uma solidez teológica e antropológica a fim de tornar-se autêntica obra pedagógica em consonância com o plano divino em relação ao homem. O artigo trata uma parte de nosso Trabalho de Conclusão de Curso – TCC para a obtenção do título de Bacharelado em Teologia, concluído em 2017, cujo título é “A Formação da Pessoa humana à luz do Mistério da Encarnação: aspectos teológicos, antropológicos e psicológicos”. Este artigo apresenta os fundamentos teológicos e antropológicos da formação, um recorte dos dois primeiros capítulos do TCC.

A economia da salvação, em seu desenvolvimento e plena realização no mistério de Cristo, constitui o ponto de partida da nossa reflexão pedagógica enquanto referência objetiva para a origem, o desenvolvimento e a meta de toda a ação formativa dirigida à pessoa humana. A abordagem da temática escolhida tem início com a exposição dos principais aspectos teológicos e soteriológicos do mistério da encarnação que são o

⁵³ Bachelar em Teologia pela Faculdade Católica de Anápolis

⁵⁴ Doutor em Educação e Professor da Faculdade Católica de Anápolis

alicerce e a meta da obra pedagógica proposta. O segundo passo é o esclarecimento dos pressupostos antropológicos indispensáveis à consecução de uma obra pedagógica. Para isto se oferece uma síntese dos aspectos fundamentais a partir da visão patrística e seu aprofundamento na antropologia conciliar da *Gaudium et Spes* e outras fontes de referência.

Temos, portanto, no mistério da encarnação o horizonte teológico e antropológico de nossa proposta pedagógica como revelação do desígnio divino em relação ao homem e o seu *modus agendi* que inspira e orienta a prática formativa.

O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO

A Encarnação do Verbo é o mistério central da nossa fé pelo qual o Filho de Deus assumiu a nossa natureza humana e nela operou a obra de nossa salvação(cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA- CIC,1992, n.461). Este mistério desvela a grandeza da dignidade e da vocação do homem, pois nele se encerra o plano benevolente de Deus em relação à humanidade. Na estatura do Filho de Deus feito homem (cf. Ef 4,13) se revela a plenitude da pessoa humana.

A palavra “encarnação” (do latim *incarnatio*⁵⁵, em grego *en-sarkôsis*) se torna o conceito mais usado na teologia ocidental, enquanto “en-hominização” (em grego “*en-anthropêsis*”) a expressão mais frequente na teologia oriental. Nos primórdios da teologia “encarnação” é termo utilizado por Santo Inácio de Antioquia e, principalmente, por Santo Ireneu em referência ao Prólogo de São João (Jo 1, 14): “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”. O significado do termo, porém, não se limita apenas ao momento histórico em que o Verbo desce ao seio da Virgem Maria, mas deve ser compreendido em modo mais amplo compreendendo um sentido histórico, ontológico e soteriológico.

⁵⁵ BENTO XVI Catequese 9 de janeiro 2013: “Aqui a palavra carne em conformidade com o uso hebraico indica o homem na sua integridade, o homem todo, mas precisamente sob o aspecto da sua caducidade e temporalidade, da sua pobreza e contingência. Isto, para dizer que a salvação trazida por Deus que se fez carne em Jesus de Nazaré atinge o homem na sua realidade concreta e em qualquer situação em que se encontre”.

O mistério da encarnação é revelação do plano salvífico de Deus a favor do homem. Este projeto divino se origina no seio da Trindade, manifesta-se no envio do Filho e tem sua finalidade na divinização do homem pelo Espírito Santo. Portanto, o tema da formação está estreitamente vinculado ao mistério da encarnação que, em Cristo, revela o projeto de Deus em relação ao homem⁵⁶.

A pedagogia cristã [...] está radicalmente unida a um acontecimento: O Verbo se fez carne (Jo 1,14). Isto significa que está intrinsecamente vinculada ao evento salvífico que introduziu o homem no mistério da vida trinitária, através da participação do mistério de pascal de Cristo, de cuja plenitude todos nós recebemos, graça sobre graça (1,16) [...] (Ibid., p. 457).

Apresentar o mistério da encarnação como paradigma da formação da pessoa humana é o mesmo que atestar o núcleo cristológico de todo o processo formativo, seu fundamento e desenvolvimento em relação ao mistério de Cristo pois o mistério de Cristo ilumina o horizonte teológico e antropológico no qual o ser humano descobre e recupera sua identidade ontológica e a sublimidade de sua vocação.

Traços essenciais do mistério da encarnação

Reconhecendo a centralidade teológica da encarnação queremos, como ponto de partida, evidenciar algumas características essenciais do mesmo mistério e, a partir delas, colher os elementos que iluminam uma autêntica antropologia cristã que favoreça o desenvolvimento de nossa proposta pedagógica.

Um Mistério revelado histórica e gradualmente

O projeto da Revelação manifesta uma singular atitude divina pela qual “Deus se comunica gradualmente ao homem, prepara-o por etapas a acolher a Revelação sobrenatural, que faz de si mesmo e que vai culminar na Pessoa e na missão do Verbo encarnado, Jesus Cristo” (CIC, 53). Em base deste fato os padres da Igreja desenvolvem o tema da *pedagogia divina* pela qual Deus não apenas gradualmente se

⁵⁶Cf. DICIONÁRIO TEOLÓGICO DA VIDA CONSAGRADA- DTVC, 1994, p. 457.

revela ao homem mas assim entra em diálogo e restabelece a sua comunhão com ele. Este tema é muito caro a Santo Irineu que

[...] fala repetidas vezes desta pedagogia divina sob a imagem da familiaridade mútua entre Deus e o homem: O Verbo habitou no homem e fez-se filho do homem para acostumar o homem a apreender a Deus e acostumar Deus a habitar no homem, segundo o beneplácito do Pai (Ibid., 53).

A Sagrada Escritura porta este movimento de preparação desde o Antigo Testamento, que a partir das prefigurações ou tipologias anuncia aquilo que Deus realizaria na plenitude dos tempos com a encarnação de seu Filho (cf. CIC, 128) revelando-se e comunicando-se aos homens em palavras humanas; segundo a linguagem e o pensamento humano; e, ainda, nas ações humanas e por meio delas, o próprio Deus age segundo o dinamismo da encarnação (cf. DV, 13).

A história da salvação é o lugar escolhido por Deus para realizar o diálogo salvífico com o homem, é também o exercício desta pedagogia da justiça de Deus que se desenvolve na história segundo as etapas da revelação (CIC, 55-64). É na história e pela história que Ele solicita ao homem uma resposta: a obediência da fé (cf. CIC, 144), a fim de torná-lo participante do seu dinamismo divino.

Jesus Cristo é “mediador e plenitude da revelação” (DV, 2), “com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa” (DV, 4). Ele é a palavra única, perfeita e insuperável do Pai (cf. CIC, 65) para a qual convergem todos os acontecimentos da história da salvação (cf. DICIONÁRIO GERAL DE CATEQUESE- DGC, 2006, n. 40). Em Cristo, Verbo encarnado, a pedagogia divina atinge a sua plenitude.

A relação entre a Trindade imanente e econômica na Encarnação

Outro traço essencial do mistério da encarnação é revelar, em primeiro lugar, a realidade de Deus em si mesmo (THANNER, 2011). Deus é mistério de amor (1 Jo 4, 8; Tt 3,4) e o amor é autodoação total, ou seja, autocomunicação integral. A Trindade “*ad intra*” (Trindade Imanente) que exprime a essência de Deus na união e comunhão entre as três Pessoas divinas estende-se à realidade criada através da missão do Filho e da

missão do Espírito Santo, a Trindade “*ad extra*” ou Econômica⁵⁷: “As obras de Deus revelam o que Ele é em si mesmo e, inversamente, o mistério de seu Ser íntimo ilumina toda a *Oikonomia*” (CIC, 236).

Temos, portanto, por premissa que: “Deus uno e trino revela-se na economia, tal como é a sua vida imanente: através da revelação de Cristo temos um verdadeiro acesso à teologia” (LADARIA, 2005, p. 38). O mistério de Cristo, revelado em sua encarnação, torna acessível o mistério de Deus e o seu desígnio salvífico em relação à humanidade.

A Encarnação é a plenitude da autocomunicação de Deus, ou seja, de sua economia, é mistério de condescendência divina e estabelece a união perfeita entre Deus e o homem. Encarnando-se o Filho de Deus se fez presente como homem no meio dos homens para comunicar-se com eles e realizar a união com eles. Assumindo a natureza humana Ele se uniu a cada homem (cf. GS, n.22; CIC 432; 1612).

A realização plena da finalidade da encarnação é a autocomunicação de Jesus aos homens até as últimas consequências. O que se segue após a ascensão de Cristo até o fim dos tempos é a expectativa de sua consumação, que compreende a sua extensão e prolongamento em nós e em toda a Igreja, por meio da Santíssima Eucaristia⁵⁸. A encarnação continua até o fim dos tempos, pois é um ato pelo qual Cristo se une aos homens, em sua humanidade redentora. Sendo assim, a autocomunicação de Jesus continua estendendo-se e ampliando-se na Igreja e através da Igreja.

A Encarnação é a plenitude da economia salvífica, que se revela como autêntica pedagogia, pela qual Deus, manifestando-se, leva à plenitude a salvação do homem através de Cristo e do Espírito Santo. Por isso nos aproximamos ao evento da encarnação na *kénosis* de Cristo a fim de colhermos os aspectos pedagógicos essenciais deste mistério e sua implicação antropológica.

⁵⁷ XAVIER, 2007, p. 46. “A Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa. Axioma do teólogo Karl Rahner, que afirma que a Trindade se revela tal como ela é em si mesma, sendo assim é na manifestação histórico-salvífica que se conhece Deus em sua natureza” (nota 6).

⁵⁸ A Eucaristia como prolongamento da Encarnação: “A Eucaristia, ao mesmo tempo em que evoca a paixão e a ressurreição, coloca-se no prolongamento da encarnação” (João Paulo II, *Ecclesia de Eucaristia*, 55); e “a Eucaristia deve ser considerada, pelo testemunho dos Santos Padres, como certa continuação e ampliação da encarnação” (Leão XIII apud THANNER, 2011, p.51).

O evento da Encarnação: a *kénosis* de Cristo (cf. Fl 2,6-11)

A palavra *kénosis*, *kenótico*, vem do verbo grego *kenoo*, que significa esvaziar, extenuar, reduzir à humilhação (cf. XAVIER, 2008, p. 113). O seu significado teológico provém do hino cristológico de Fl 2,6-11, que exprime a realidade de Jesus Cristo, Filho Verbo de Deus que, sendo Deus, a segunda Pessoa da Trindade, aniquilou-se e assumiu a condição humana, tornando-se servo:

Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus: Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte de cruz (Fl 2,5-8).

Neste hino São Paulo expõe aos fiéis o que há de mais excelente na vida em Cristo, a fim de convidá-los a completarem sua alegria por sua conduta pessoal, sobretudo pela humildade (cf. SEEANNER, 2017, p. 86). Ele apresenta Jesus que “esvaziou-se a si mesmo” (*heautònekénôsen*). Daí *kénosis*: o esvaziamento do Filho de Deus (cf. MARCOLINO, 2008, p.78).

A palavra *kénosis*, herança da Patrística oriental, refere-se ao movimento de Deus que vem ao encontro do homem para dar-se a conhecer e estabelecer uma relação com o homem. A *kénosis* de Deus é uma realidade da Trindade que conhecemos biblicamente através do mistério do Verbo encarnado. Na *kénosis* do Filho se revela o amor de Deus manifestado na história humana, assumindo-a em sua totalidade. Este mistério de condescendência pode ser dito, analogamente, como movimento das Três pessoas divinas.

A encarnação supõe a humilhação voluntária de Jesus, suas disposições ou “sentimentos” (cf. Fl 2,5), a condição para sua entrada no mundo. É a realização concreta do envio do Filho que estando na “forma de Deus” despoja-se, livremente, da sua condição divina para assumir a “forma de escravo” fazendo-se semelhante aos homens. A *kénosis* de Cristo tem início em sua encarnação e se revela ao longo de toda a sua vida como caminho de crescente despojamento:

A primeira fase do mistério da entrada de Jesus na existência humana constitui o começo da *Kénosis* do Filho de Deus, a qual, realmente,

desde o início, era auto-humilhação do Filho de Deus e irresistivelmente o compelia para a consumação da *Katábasis* de que se trata em Fl 2, Gl 2, e passagens semelhantes: a ignomínia da morte na cruz em substituição dos pecadores. A entrada do Filho de Deus na História consistiu, realmente, em um ter-de-se-afastar-de-Deus por parte do Filho, em um ter-de-se-despojar de seu *ser-igual-a-Deus*, em um apoderar-se, de natureza inicial e orientado para o mais distante, da existência dos homens afastados de Deus sob a maldição do pecado (SHULTE apud MARCOLINO, 2011, p. 72).

Nesta via o aniquilamento iniciado na Encarnação vai se evidenciando sempre mais na vida de Jesus: Ele “tomou a forma de servo” e “humilhou-se e foi obediente até a morte, a morte da cruz” (Fl 2,8).

É justamente através desta *kênosis*, em obediência total à vontade de Deus, que finalmente se revelará a completa identidade de Jesus: na ressurreição ele tomará posse da glória que tinha “na forma de Deus”, de modo que “ao nome de Jesus todo o joelho se dobre” (Fl 2,10). É no esvaziamento, até o extremo da morte, que Jesus revela o ser e o amor de Deus e em contrapartida revela-se o seu senhorio na sua exaltação: Ele é o *Kyrios*, o Senhor.

A finalidade redentora da encarnação: a humanização de Deus e a divinização do homem

A humanização de Deus e a santificação do homem exprimem de forma sintética a finalidade redentora do mistério da encarnação que pode ser descrito segundo uma dinâmica cíclica ou circular. Este movimento é evidenciado na *kênosis* e exaltação do Filho encarnado (cf. Fl 2,7), um processo que nasce no âmago da Trindade e se manifesta com a descida de Deus ao homem e se completa com a ascensão do homem a Deus.

A fé cristã mostra que há um movimento circular de Deus até o homem e daí uma volta até Deus. É uma dinâmica efetiva e afetiva: Deus, o Criador, veio à criatura [...] Sua Encarnação evidencia o quanto Deus ama suas criaturas. Ele quer levá-las à plenitude através de seu próprio Filho, feito um de nós (RIBEIRO, 1993, p.9).

A doutrina cristã apresenta, na fórmula do Credo niceno-constantinopolitano, a finalidade histórico-salvífica do mistério da encarnação: “E por nós homens, e para

nossa salvação, desceu dos céus e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem” (CIC 456).

Segundo o Catecismo da Igreja Católica o Verbo de Deus se fez homem para nos salvar, reconciliando-nos com Deus e para que conhecêssemos seu amor (cf. CIC, 457-460). E ainda, para ser nosso modelo de santidade, Ele que é o caminho, a verdade e a vida pelo que temos acesso ao Pai (cf. Jo 14,6), a norma da Nova Lei e o modelo das Bem-aventuranças. O fim último da encarnação, segundo Santo Irineu, é nos tornar participantes da natureza divina (2 Pd 1,4):

Pois esta é a razão pela qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: é para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo, assim, a filiação divina, se torne Deus (IRINEU apud CIC, 460).

O Novo Testamento e os Padres da Igreja atestam a finalidade redentora da encarnação pois o Senhor veio para salvar o homem do pecado de Adão, libertá-lo das forças do mal e resgatá-lo de seus pecados pessoais para Deus (RIBEIRO, pp.37-38).

Doente, nossa natureza precisava ser curada; decaída, ser reerguida; morta, ser ressuscitada. Havíamos perdido a posse do bem, era preciso no-la restituir. Enclausurados nas trevas, era preciso trazer-nos à luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, um socorro; escravos, um libertador. Essas razões eram sem importância? Não eram tais que comoveriam a Deus a ponto de fazê-lo descer até a nossa natureza humana para visitá-la, uma vez que a humanidade se encontrava em um estado tão miserável e tão infeliz? (GREGÓRIO DE NISSA apud CIC, 457).

Deste modo, Deus, necessariamente devia vir ao encontro de sua criatura para uni-la a si, estabelecendo o intercâmbio pelo qual Deus se humanizou, sem deixar de ser Deus, a fim de que a criatura assumisse e participasse de sua vida divina, fosse divinizada, permanecendo criatura. Sob esta perspectiva a encarnação é necessária ao plano de Deus, independentemente do pecado. Apenas a morte de Cristo ocorreu por causa do pecado.

Com efeito, [...] era o melhor meio de restaurar a dignidade humana [...] O Filho de Deus assumiu tudo o que é do homem e divinizou-o, tornando-se o sacramento primordial da nossa salvação; por seu nascimento; sua adolescência, sua vida pública, sua morte e sua

ressurreição Jesus deu novo sentido à existência do homem; fez uma nova criatura (cf. 2 Cor 5,17) (BETTENCOURT, 2009, p.89).

Na teologia dos Padres gregos, entre eles Irineu e Atanásio, a Encarnação tem como finalidade a divinização do homem, que significa a sua participação na vida divina como indica 2 Pd 1,4. O tema da deificação não é uma novidade teológica, está presente desde os primórdios da vida cristã e se justifica por si mesmo graças às suas consistentes bases bíblicas e a importância que lhe dedicou a tradição patrística. Este processo consiste na transformação do ser humano em Cristo, em nova criatura, pelo Espírito Santo.

As doutrinas sobre a encarnação e sobre a divinização são dois aspectos inseparáveis de um mesmo mistério. A divinização significa adoção filial, participação na filiação divina de Jesus pelo dom do Espírito Santo [...] não podemos separar a divinização do homem do desígnio divino para o qual fomos predestinados, a conformação com a imagem do Filho, o primogênito de uma multidão de irmãos [...] como Filho de Deus compartilha nossa condição humana, nós podemos compartilhar sua condição divina sendo filhos nele (LADARIA, *apud* MARCOLINO, p. 29).

A humanidade de Cristo é o Sacramento primordial

A finalidade redentora da encarnação atesta como Deus, necessariamente, devia vir ao encontro de sua criatura para uni-la a si e restaurar sua dignidade através da humanidade de Cristo.

[...] O Filho de Deus assumiu tudo o que é do homem e divinizou-o, tornando-se o sacramento primordial da nossa salvação; por seu nascimento; sua adolescência, sua vida pública, sua morte e sua ressurreição Jesus deu novo sentido à existência do homem; fez uma nova criatura (cf. 2 Cor 5,17) (BETTENCOURT, 2009, p.89).

Tudo, na vida de Jesus é sinal de seu mistério, por meio de seus gestos, milagres e palavras nos foi revelado que “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9).

A humanidade de Jesus aparece como um sacramento, isto é, o sinal e o instrumento de sua divindade e da salvação que ele traz; o que havia

de visível em sua vida terrestre apontava para o mistério invisível de sua filiação divina e de sua missão redentora (CIC, 515).

Segundo Marsili (2010) Cristo é o sacramento primordial porque sinal da ação salvífica de Deus; Ele é o modo, o lugar e o momento no qual Deus se revela. O Mistério de Deus escondido nos séculos (Cl 1,25; Ef 1,9) é revelado e se torna Mistério de Cristo (Ef 3,3; Cl 1,27; 2,2). A palavra “mistério”, etimologicamente, não significa “aquilo que está oculto”, e sim “revelação daquilo que estava oculto” (cf. MARSILI, 2010, p.76).

Podemos afirmar que há uma comunhão real entre os mistérios de Jesus e a vida de cada pessoa humana. Desde a sua encarnação tudo o que Jesus Cristo viveu está destinado a enriquecer a cada homem e constitui o bem de cada um (CIC 519; Cf. RH, 11). “Tudo o que Cristo viveu foi para que pudéssemos vivê-lo nele e para que Ele o vivesse em nós. Por sua Encarnação o Filho de Deus, de certo modo, se uniu a cada homem” (GS, 22,2; cf. CIC 521). Nós somos chamados a ser uma só coisa com Ele, partilhamos (comungamos) como membros de seu corpo de tudo o que Ele viveu em sua carne.

Devemos continuar e completar em nós os estados e os mistérios da vida de Jesus, e pedir-lhe continuamente que os leve a termo em nós e na Igreja inteira. Porque os mistérios da vida de Jesus ainda não estão totalmente levados à sua perfeição e realização. [...] Deste modo, o Filho de Deus decidiu que seus estados e mistérios seriam completados e levados à perfeição em nós. Quer levar à perfeição em nós o mistério de sua encarnação, nascimento, vida oculta, quando se forma em nossa alma pelos sacramentos do santo batismo e da divina eucaristia e nos dá vivermos a vida espiritual e interior, escondida com ele em Deus (Cl 3,3). Quer ainda levar à perfeição em nós o mistério de sua paixão, morte e ressurreição que nos fará padecer, morrer e ressurgir com ele. E, finalmente, quer completar em nós o estado de vida gloriosa e imortal, quando nos fará viver com ele e nele a vida gloriosa e perpétua nos céus. Assim quer consumir e completar seus outros estados, outros mistérios em nós e em sua Igreja; deseja comunicá-los e partilhá-los conosco e por nós continuá-los e propagá-los (EUDES *apud* THANNER, 2011, pp. 71-72).

A finalidade redentora da encarnação possui ainda outro elemento que lhe indica o seu sentido pleno: a recapitulação em Cristo. Este é o modo como Deus continua estendendo, ampliando e levando à plenitude o mistério da encarnação do Filho.

A Recapitulação salvífica e a plenitude da encarnação

A doutrina cristã nos ensina que toda a vida de Cristo é revelação do Pai; mistério de redenção e de recapitulação (cf. CIC 516, 517, 518): “Tudo o que Jesus fez, disse e sofreu tinha por meta estabelecer o homem caído em sua vocação primeira” (CIC, 518). Em Cristo toda a história humana e mesmo toda a criação encontram sua recapitulação (cf. Ef 1,10), a sua consumação transcendente (cf. CIC, 668).

Santo Irineu aponta a recapitulação como ação salvífica de Cristo, iniciada na Encarnação, pela qual regenerou o homem em sua santidade original. A recapitulação foi operada durante todo o curso da vida terrena de Jesus, na qual santificou todas as etapas da vida humana a fim de nos restabelecer na comunhão com Deus, segundo a finalidade da encarnação:

Quando ele se encarnou e se fez homem, recapitulou em si mesmo a longa história dos homens e, em resumo, nos proporcionou a salvação, de sorte que aquilo que havíamos perdido em Adão, isto é, sermos à imagem e à semelhança de Deus, o recuperamos em Cristo Jesus. É, aliás, por isso que Cristo passou por todas as idades da vida, restituindo com isto a todos os homens a comunhão com Deus (IRINEU apud CIC, 518).

Na Carta aos Efésios, o desígnio eterno que Deus nos deu a conhecer, o “mistério da sua vontade, conforme decisão prévia que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas” (Ef 1, 9-10). O vocábulo grego empregado neste texto é *Anakephalaiosis*, que significa recapitular, unir, dar um princípio de unidade (cf. THANNER, 2008, p.135).

O termo *Anakephalaiosis* (recapitulação), segundo o texto de Efésios (Ef 1,9) indica não uma ação concluída, mas um processo dinâmico e progressivo rumo à sua realização consumada (cf. CABRAL, 2007, p. 79). Esta união caracterizada pela palavra “mistério” indica precisamente uma realidade em fase de andamento rumo à realização consumada. No mistério da Encarnação temos como que o princípio da manifestação deste desígnio que será levado à consumação, às últimas consequências na recapitulação final de todas as coisas em Cristo.

Para nos aproximar da realidade concreta da recapitulação é importante termos em mente que a santíssima humanidade de Cristo, na qual estamos inseridos pelo Batismo, é o sacramento primordial de toda a ação salvífica de Deus.

Deus, assim, dispôs o caminho da salvação como caminho pedagógico, que é ordenado, progressivo e gradual. A recapitulação é imagem desta pedagogia divina operante no âmago da criação que nos oferece o horizonte de seu progresso, a plenitude em Cristo. A encarnação do Verbo é mistério de recapitulação que, na Pessoa do Filho encarnado, assume e resume tudo em si.

O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO: HORIZONTE ANTROPOLÓGICO

Na base de toda obra educativa é de extrema importância uma antropologia de base pois “toda educação ou formação baseia-se em uma antropologia específica e a pressupõe, explícita ou implicitamente” (RULLA, 1987, p.437). Logo, a visão antropológica é intrínseca ao tema da formação da pessoa humana.

Saber quem somos o que devemos e como podemos chegar a ser é a tarefa mais urgente de todo o ser humano. Agora para o educador e para o estudioso da pedagogia encerra-se uma importância maior. Educar quer dizer levar outras pessoas a que cheguem a ser o que devem ser. Porém não será possível educar se não se sabe antes o que é o homem e como ele é, para onde deve conduzi-lo e quais são os caminhos possíveis para fazê-lo (STEIN apud Dalabeneta, 2013, p. 97).

Uma clareza sobre os princípios antropológicos não é somente básica quanto ao caminho e a meta da formação, mas orienta também as atitudes dos educadores, em confronto com a pessoa humana concreta, na multiplicidade de situações e dimensões a serem consideradas na tarefa formativa.

A visão que postulamos a respeito do ser humano, consciente ou inconscientemente, modela a nossa atitude diante do mesmo. A partir dessa visão é que definimos o que é saúde é o que é patologia, o que é qualidade e o que é miséria humana. Esta constatação evidencia a imprescindível tarefa de esclarecer os nossos pressupostos antropológicos, sobretudo para os educadores, terapeutas e demais facilitadores do desenvolvimento humano. Portanto, é triste e trágico constatar a alienação da maioria das pessoas, até mesmo profissionais da área educacional e da saúde, com relação aos seus postulados antropológicos (CREMA apud MARCHESINI, p.52).

Na esteira dos Padres da Igreja, onde haurimos os primeiros frutos da antropologia cristã e, no seu desenvolvimento contemporâneo, na antropologia conciliar da Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, buscaremos evidenciar as bases constitutivas da pessoa humana em estreita relação com o mistério de Cristo, o Verbo Encarnado, visando à importância da antropologia na construção da pedagogia formativa.

O mistério humano: uma síntese patrística

O homem na visão patrística é concebido como um ser intermédio que se encontra entre dois mundos⁵⁹, entre duas realidades distintas. Esta concepção do homem como fronteira-limite entre o material e o espiritual, o divino e o animal revela o mistério que ele é. O termo “mistério” é atribuído também à pessoa humana, em *Gaudium et Spes* (nn.10.12.13) para indicar sua realidade complexa e surpreendente, um projeto em contínuo crescimento, que se realiza no tempo, entre desejos e limites e entre possibilidades infinitas de atuação (cf. TOMASI, 2010, p. 44).

Segundo Lamelas (2009) na visão cristã esta tensão antropológica constitui o ponto de partida do crescimento e da autossuperação do humano no divino, a grandeza distintiva da criatura humana que no exercício de sua liberdade e progresso temporal dirige-se ao seu destino. A criação homem é o primeiro fundamento de sua dignidade e abertura para Deus.

A criação do homem

A criação do homem em Gn 1,26-27 e 2,7 é o fundamento de toda a antropologia patrística e o ponto de partida da soteriologia. Segundo Lamelas (2009) Cristo é a figura do que nós somos e viremos a ser e pelo qual nos tornamos divinos. Deus fez o homem

⁵⁹GREGÓRIO DE NAZIANZO *apud* LAMELAS, 2009, p.295: O homem é “Um mundo grande num ser pequeno que Deus colocou sobre a terra como um anjo, um adorador dotado de dupla natureza, guardião da criação visível e iniciado nas criaturas invisíveis; rei de todas as coisas, mas súdito do Reino das realidades supremas; um ser terreno e celeste, efêmero e imortal, visível e inteligível, colocado entre a grandeza e humildade, espírito e carne ao mesmo tempo: espírito por graça recebida e carne por causa de sua soberba; espírito para que continuasse a viver e a glorificar o seu Benfeitor, e carne para que sofresse e sofrendo se recorde daquilo que era e lhe servisse de lição quando se orgulhasse de sua grandeza. Um ser animado que era governado na terra destinado a um outro lugar até ao cúmulo de se tornar divino precisamente por este seu tender para Deus”.

à sua imagem, tornando-o participante do seu próprio Verbo, sendo como que a sombra do Verbo. Na carne humana realiza-se a imagem do Filho pois o homem foi modelado pelas mãos de Deus e precisamente nisto consiste a sua dignidade⁶⁰.

Os Padres da Igreja concebiam o homem em sua totalidade, corpo, alma e espírito, como imagem do *Logos* e chamado a realizar a semelhança com Deus. Também o corpo participa desta vocação e, por isso, desde o início, leva em si o chamado a participar da divindade pois, segundo Santo Irineu, é na totalidade concreta que o homem é imagem de Deus (cf. *Ibid.*, 2009, pp. 310-311).

A história humana é o espaço desta realização plena do desígnio divino na qual o homem alcançará a sua plenitude. A salvação, neste sentido, corresponde a um passo a frente daquele estado paradisíaco, como um progressivo ser assumido no divino. Evidencia-se novamente o caráter progressivo da salvação:

Entre a criação do homem à imagem e semelhança de Deus e a visão de Deus desenvolve-se toda a *ecomonia salutis*, como uma história de crescimento e progresso para o Pai. Neste processo está envolvido o homem todo, assim como a Trindade toda: o Pai que criou, com suas mãos, salva o homem também na comunhão da Trindade (LAMELAS, 2009, pp. 312-313).

Portanto, ser imagem de Deus não é uma qualidade acrescentada à humanidade, mas é constitutiva da própria natureza humana que dele recebe o ser. Ser imagem de Deus é uma possibilidade inscrita no coração humano de viver e crescer na comunhão com o Criador e nesta comunhão encontrar a plenitude da vida e a felicidade⁶¹.

A vocação à vida divina

Lamelas (2009) afirma que, segundo os Padres da Igreja, o homem foi criado para acolher em si a glória de Deus e que o ser humano é um animal vocacionado a

⁶⁰*Ibid.*, p. 308: “o homem obra prima da criação, não é então definido naquilo que é (perecível, mutável, mortal [...]), mas naquilo que é chamado a ser e virá a ser: uma *caro capax Dei*, dirá Irineu”.

⁶¹NISSA *apud* LAMELAS, 2009, p. 314: “A imagem, constitutiva da natureza do homem, leva em si impressa todas as propriedades do seu modelo que nela se reflete como a luz do sol num espelho. Ela é impressão e expressão do Criador. Não existe, portanto, uma natureza ou uma liberdade oposta à graça, mas uma humanidade elevada à graça de Deus que se gloria na Sua imagem. O pecado pode ofuscar esta imagem, mas nunca apagá-la totalmente. Por outro lado, a imagem não é uma essência estática, mas uma presença dinâmica, uma forma de ser e de viver que exige um contínuo exercício na prática das virtudes que nos mostram Deus em nós”.

tornar-se Deus. Este desígnio divino de fazer o homem participar da condição divina não foi interrompido com a queda, pois a finalidade primordial da criação do homem é a sua participação na imortalidade e na glória eterna de Deus, isto é, da mesma glória que o Verbo tinha, junto do Pai no Princípio, antes da criação⁶².

A semelhança mais perfeita (em grego *homoíosis*) é um estado de perfeição em potência que deve ser atualizado através do esforço humano na imitação de Deus, possível pela graça divina depositada no homem. O pecado não apagou a imagem, mas feriu a semelhança superior conferida pela graça que é recuperada pelo mesmo *Logos* original que a concede ao homem. É neste contexto que se inspira a economia salvífica da encarnação.

A segunda Carta de São Pedro (1,4) reafirma a vocação do homem a “participar na natureza divina” como dom gratuito de Deus em Cristo que requer o esforço de aperfeiçoamento moral da parte do homem. É a vida no Espírito que designa esta presença ontológica do próprio Deus em nós, concedida por pura graça.

A plenitude do mistério humano revelada na encarnação

Clemente de Alexandria, à semelhança de Irineu, concebe a salvação como um “processo pedagógico deificante e Cristo como a consumação perfeita da vocação do homem” (Ibid., p. 323). Para este Padre a deificação é concebida como o termo de uma sábia pedagogia do Verbo encarnado: “o Logos de Deus fez-se homem, para que fosse um homem a ensinar-vos a tornar-vos deus” (Ibid., p. 323).

O Alexandrino em suas obras mais importantes *Protréptico*, *Pedagogo* e *Estrómata*, apresenta a vida cristã como uma escola onde o *Logos* ensina a prática das virtudes do Pai, como via de assimilação ao Deus Salvador.

Conduzido pela pedagogia do Logos, o homem alcança a perfeição, segundo a vontade do Pai, praticando já na terra a vida celeste. Tal pedagogia deve conduzir o fiel

⁶² Cf. Ibid., pp. 297-298. É no quadro deste grande plano que Irineu e seus sucessores situam a criação do homem e a sua salvação. A criação é salvífica, porque orientada para a participação divinizante na glória de Deus. [...] Esta participação não foi dada ao homem e de forma completa, de uma só vez, desde o momento da criação. Feito *ad imaginem*, isto é, aberto ao imenso horizonte do dom de Deus, esta *imago* permanece perfectível, isto é, chamado a crescer na semelhança.

à verdadeira gnose⁶³, o conhecimento íntimo da pessoa de Jesus Cristo, o Verbo de Deus que culmina com a caridade que é o laço da unificação com Deus⁶⁴. No pensamento dos Padres gregos, a encarnação constitui o alicerce de toda a divinização salvífica⁶⁵.

A divinização como progresso humano e espiritual

Em toda a explanação realizada se evidencia o conceito de “progresso”, atribuído tanto à vida humana quanto à história, que adquire um significado central na espiritualidade e antropologia patrística. “Toda a teologia de S. Irineu se assenta nesta ideia de uma progressiva pedagogia de crescimento para Deus, que criou o homem imperfeito, para que este crescesse e se superasse” (Ibid., p. 336).

Segundo Costa (2014, pp. 142-143), o santo bispo de Lyon buscava demonstrar, na obra *Contra os Hereges*, que Deus educava o povo, no antigo Testamento, para que acolhesse a Revelação do Filho e a nova aliança. Dentro dessa pedagogia divina, Deus chama o homem à comunhão, por meio da encarnação na qual Deus e o homem habitaram-se em Cristo, na humanidade de Cristo (cf. Adv. haer. III 20,2).

Contudo, o habituar aconteceu durante a mesma história da salvação: Deus tem um plano que vai se realizando gradualmente, com o progresso da história, na medida em que esse plano vai acontecendo, Deus e o homem habitam-se a estarem juntos. No plano de Deus há, portanto, progresso, segundo o qual uma etapa sucede à outra e cada momento contém uma *continuidade*, o mesmo Deus, o único projeto, e uma *descontinuidade*, já que em cada etapa a graça é mais abundante e universal. Neste sentido,

O conceito de progresso em Irineu encontra-se muito unido ao de pedagogia divina e, portanto, à educação através da qual Deus ensinava o seu povo através dos *sacramenta*, isto é, das manifestações do Verbo através das figuras do que acontecerão ao seu tempo. Entre

⁶³ Expressão grega que corresponde a conhecimento, inteligência.

⁶⁴ BENTO XVI, Audiência Geral, 18 \04\2007: “O conhecimento de Cristo não é só pensamento, mas é amor que abre os olhos, transforma o homem e gera comunhão com o Logos, com o Verbo divino que é Verdade e Vida”.

⁶⁵ LAMELAS, 2009, p. 329: Quando se fala de divinização pela encarnação, não significa que se reduza toda a economia salvífica à encarnação do Verbo. De fato, todos os autores estão de acordo em afirmar que a divinização, motivo pelo qual o Verbo se fez carne, compreende, por um lado, a vitória sobre a morte e, por outro, a restauração da incorruptibilidade e, finalmente, a restauração da imagem ou da filiação divina. Quando Atanásio fala de encarnação, compreende neste mistério todas as outras etapas da vida de Cristo, e particularmente a sua morte e ressurreição. Por outro lado, a salvação/deificação não é um processo automático, mas requer sempre a livre adesão à fé e a participação sacramental do homem.

as manifestações figurativas cabe destacar a importância de acontecimentos como a arca de Noé, a passagem do mar morto, a lei mosaica e a entrada na terra prometida. Progresso e pedagogia marcam, portanto, a grande variedade que acontece dentro do único plano salvador de Deus. Essa pedagogia encontra em Cristo o seu ponto mais alto, pois ele realiza a recapitulação, a *ἀνακεφαλαίωσις* (COSTA, 2014, p.142).

Na visão histórica de Irineu a encarnação tem importância central, enquanto acontecimento que é Cristo e que resume todos os outros acontecimentos, sua recapitulação, segundo a ideia de Ef 1,10. A Pessoa de Cristo é o princípio e motor desta recapitulação, mas também da conquista e restauração de tudo o que estava sob o domínio do maligno, e o estabelecimento da nova criação. Recapitulação, portanto, significa o começo de algo novo, a partir do que já existia antes. Este conceito está intimamente ligado à tipologia de Adão e à oposição entre a graça e o pecado; indicando, ao mesmo tempo, um progresso, que implica continuidade e descontinuidade (cf. COSTA, 2011, p. 142-143).

O ser humano (cf.DAMIÃO, 2007) está inserido num processo evolutivo e chamado a alcançar a sua vocação mais profunda: ser imagem e semelhança de Deus. Este processo de desenvolvimento de sua vocação consiste num movimento de humanização percebido num horizonte aberto à sua totalidade, sobretudo como possibilidade de vivenciar sua condição frágil e limitada. Santo Irineu de Lião oferece-nos uma visão antropológica que nos abre à compreensão da situação humana em contínuo devir à qual está destinada enquanto inserida num processo criativo-evolutivo.

Para isso, evidencia-se a noção evolutiva da própria história do homem inserido em um lento processo de maturação. Este processo inicia-se no instante da criação e culminará na divinização do homem e, conseqüentemente, de todo o cosmos. Todavia, antes de fazer a experiência do divino, o homem deve experimentar o humano, com toda sua fragilidade e finitude. Encontramos aí a originalidade do pensamento ireneano: o ser humano é potencializado, desde a sua criação, para assumir na fragilidade de sua condição humana, a Força de Deus, mergulhando, assim, na divindade própria do Criador. Todo este processo é realizado no decorrer da história humana que se percebe envolvida em um contínuo movimento de devir (DAMIÃO, 2007, p. 2).

O desenvolvimento humano no pensamento ireneano é um processo que percorre a distância da Carne ao *Pneuma*, isto é, da fragilidade humana à Potência

divina. O homem recém-criado encontra-se num estado “infantil”, com absoluta inexperiência, em sua realidade de criatura, mesmo na ordem do humano. O Espírito Santo é o condutor deste processo, no qual o ser humano inicia, ainda no corpo em regime infantil, sua progressão, num processo “in crescendo” e pelo qual receberá alimentação cada vez mais sólida, até a consumação onde adentrará na imortalidade de Deus. O progresso humano em vista da perfeição, segundo o projeto divino, acontece no tempo, é nele que o homem assume a sua humanidade e submete-se ao processo de passagem do estado “infantil” ao “adulto”.

O homem não é uma obra acabada, mas uma liberdade aberta a um progresso sem limites. Deus criou-o para acompanhar, com amor, a sua obra, levando progressivamente a imagem plasmada ao seu cumprimento. Ao contrário dos outros animais e anjos, o homem não foi criado adulto, mas *infans*, razão pela qual se deixou facilmente enganar pelo Sedutor. É, porém, nesta apetência para crescer que reside a sua grandeza que pode superar anjos (LAMELAS, 2009, p. 337).

Irineu aponta as etapas do desenvolvimento do Logos que, passando por todas as etapas humanas de desenvolvimento, assumiu o dinamismo próprio da fragilidade humana e o exercício de sua natureza: “Tornou-se e fez criança e terminou adulto na carne, glorificado com a claridade de Verbo na ressurreição e ascensão” (DAMIÃO, 2007, p.5). Em cada etapa humana santificou as realidades humanas próprias de cada fase do desenvolvimento, levando-as à plenitude.

Foi receber o batismo com a idade de trinta anos e, depois, tendo a idade perfeita de mestre, foi a Jerusalém, e justamente podia ouvir a todos chamá-lo mestre; ele não era diferente daquilo que parecia, como dizem os que o julgam aparente, mas o que era também o mostrava. Verdadeiro mestre com a idade de mestre, sem renegar nem ultrapassar a humanidade, não aboliu em si a lei do gênero humano e santificou todas as idades por aquela semelhança que estava nele. Veio para salvar a todos mediante sua pessoa, todos, digo, os que por sua obra renascem em Deus, criança, meninos, adolescentes, jovens e adultos. Eis porque passou por todas as idades, tornando-se criança com as crianças, santificando as crianças; com os adolescentes se fez adolescente, santificando os que tinham a mesma idade e tornando-se ao mesmo tempo o modelo de piedade, de justiça e de submissão. Jovem com os jovens, tornou-se seu modelo e os santificou para o Senhor; da mesma forma se tornou adulto entre os adultos, para ser em tudo o mestre perfeito, não somente quanto à exposição da verdade mas, também, quanto à idade, santificando ao mesmo tempo os adultos e tornando-se também modelo para eles. E chegou até a morte para ser o primogênito entre os mortos e ter a primazia em tudo, o

iniciador da vida, anterior a todos e precedendo a todos (LIÃO, Adv. haer., IV 20,5).

Graças aos fundamentos antropológicos desta herança remota, a antropologia contemporânea, sob o impulso do Concílio Vaticano II, pôde alicerçar e desenvolver a visão cristã do homem inserido num novo contexto histórico.

O mistério humano na *Gaudium et Spes*

No curso do desenvolvimento teológico a perspectiva antropológica inaugurada no Concílio Vaticano II, sobretudo através da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, veio corroborar a fé no mistério da encarnação, propondo-o como chave hermenêutica do mistério humano (cf. GS, 10) e possibilidade de uma concepção antropológica enraizada no mistério de Cristo. Trata-se da concepção do homem integral, o homem novo que compreende a si mesmo e o mistério humano somente a partir do mistério de Cristo, o Verbo encarnado (cf. GS, n. 22; CIC 1701):

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham nele a sua fonte e nele atinjam a plenitude (GS, 22).

Temos no número 22 o ponto alto da reflexão conciliar que pode ser chamada, com razão: uma autêntica antropologia cristológica, isto é, uma visão do ser humano compreendido à luz de Jesus Cristo. Podemos dizer que o mistério humano, segundo o projeto de Deus, constitui o tema central deste documento: “Por isso, o homem será o fulcro de toda a nossa exposição: o homem uno e integral: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade” (GS, 3).

A doutrina conciliar destaca as dimensões constitutivas da pessoa humana presentes na antropologia patrística: o homem e a mulher são imagem de Deus e chamados a realizar a semelhança com Cristo; dotados de consciência e liberdade e portadores de uma dialética existencial, em consequência da tensão entre a liberdade e o pecado, que os impele a encontrar a sua plenitude em Cristo.

A Imago Dei

A dignidade da pessoa humana funda-se na *Imago Dei*, doutrina desenvolvida pelos Padres da Igreja. Ela contém em si a vocação do homem à íntima comunhão com Deus. Segundo o Gênesis o dom específico do Criador em relação ao homem foi criá-lo à sua imagem e semelhança: “Façamos o ser humano à nossa imagem e segundo a nossa semelhança” (Gn 1,26).

O homem é imagem de Deus em sua totalidade e não apenas em virtude de algum aspecto de sua natureza ou funções (cf. CTI- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, n. 9), como argumentavam alguns Padres. O desenvolvimento do relato (Gn 1,1-31) mostra como o homem é a meta da criação, dotado de autoridade e estabelecido em referência e relação estreita com o Criador (PCB- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, n. 8).

Criado à imagem de Deus, o homem se tornou capaz de conhecer e amar seu Criador e foi constituído sobre as realidades terrenas (cf. Gn 1,26) a fim de ordená-las para a glorificação de Deus: “Porque, remido por Cristo e tornado nova criatura no Espírito Santo, o homem pode e deve amar até mesmo as coisas criadas” (GS, 37). Homem e mulher, criados por Deus no princípio (Gn, 1,27), formam, em sua união, a primeira expressão de comunhão entre pessoas (cf. CTI, 10), atestando a natureza social da pessoa humana que não pode desenvolver-se senão através das relações humanas (cf. GS, 12).

É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus, por amor, é por ele, por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador (GS, 19).

Homem e mulher foram queridos por Deus em si mesmos e constituídos na amizade divina e chamados a compartilhar a vida de Deus (cf. CIC, 356). Ter sido criado à imagem de Deus é o que o estabelece como pessoa (cf. CIC, 357) e o torna capaz de imanência e transcendência, portanto, o homem é capaz de...

[...] conhecer-se, de possuir-se e doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor que

ninguém mais pode dar em seu lugar. Deus criou tudo para o homem, mas o homem foi criado para servir e amar a Deus e oferecer-lhe toda a criação (CIC, 357-358).

Deste aspecto constitutivo deriva a fraternidade humana, a igualdade fundamental entre os homens; o valor de sua atividade e a responsabilidade na construção de si mesmo e orientação de suas potencialidades (cf. GS, 61)⁶⁶.

A Imago Christi

O ponto máximo e plenitude da *Imago Dei* é a *Imago Christi* (GS, 22), pois Cristo em pessoa é a imagem de Deus (2 Cor, 4,4; Cl 1,15; Hb 1,3): o ser humano deve ser a Ele conformado (Rm 8, 29) para se tornar filho do Pai, no Espírito Santo por uma participação ativa em sua transformação segundo o modelo da imagem do Filho (Cl 3,10) que manifesta sua própria identidade através do movimento histórico desde a Encarnação até a glória (cf. CTI, 12). “A imagem de cada pessoa é constituída pelo seu próprio percurso histórico que parte da criação, passando pelo pecado e a conversão do pecado até à salvação e ao seu cumprimento” (Ibid., 12).

Especialmente no número 22, Cristo é apresentado ao homem como sentido e fim de toda a sua história, um princípio fundamental da antropologia cristã, é nele que toda a história humana e a salvação encontram ponto de unidade. O mistério da encarnação é mistério de salvação, pelo qual Cristo assumiu a nossa natureza humana e está intimamente ligado à sua morte e ressurreição, tendo como fim a glorificação do Verbo e a consequente possibilidade de ressurreição para os homens.

Jesus Cristo é o centro de toda a criação e revelador do homem, primogênito de toda a criação, no qual se cumpre o plano de Deus para o homem e o cosmo (cf. GS, 38). Em sua humanidade perfeita o mistério do homem é iluminado, nele o homem toma ciência do que é chamado a ser.

⁶⁶Cf. PCB, 8: O tema da *Imago Dei* é muito amplo na antropologia teológica e comporta, ao menos, seis características : 1) a racionalidade, o ser humano possui a capacidade e o dever de conhecer e compreender a criação; 2) a liberdade, como capacidade e o dever de decidir, bem como a responsabilidade por suas decisões; 3) a posição de comando, não em sentido absoluto, mas sob o domínio do Criador; 4) a capacidade do ser humano de agir em conformidade com Deus do qual é imagem, de imitá-lo; 5) a dignidade de ser pessoa, um ser relacional, capaz de relacionar-se com Deus e com outras pessoas; 6) a santidade da vida humana.

Ser uno e composto

O documento ressalta a dimensão da corporeidade constitutiva da dignidade de ser imagem de Deus: ele é corpo humano precisamente porque é animado pela alma espiritual, e é a pessoa humana inteira que está destinada a tornar-se, no Corpo de Cristo, o Templo do Espírito Santo cf. (cf. CIC, 364). A realidade espiritual do homem, o “Espírito”, segundo S. Paulo (1Ts 5,23) “significa que o homem está ordenado desde a sua criação para o seu fim sobrenatural”(CIC, 367).

A doutrina cristã exclui completamente o dualismo, pois através da doutrina da Encarnação o corpo é visto como parte intrínseca da pessoa pelo qual Jesus nos redime com a oferta de seu Corpo e Sangue. Igualmente a obra redentora de Cristo que se realiza na Igreja e se torna visível mediante os sacramentos. A doutrina da ressurreição confirma o valor essencial do corpo no fim dos tempos pois mesmo na eternidade o ser humano existirá como pessoa física e espiritual completa (cf. CTI, 29), segundo a sua identidade sexual.

A identidade sexual

“Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou: macho e fêmea os criou” (Gn 1,27; cf. Gn 5,1-2). A *imago Dei* se manifesta, desde o princípio com a diferenciação entre os sexos que constitui o homem apenas como masculino e feminino. O dado constitutivo orienta toda a personalidade como um modo próprio de ser, ver e pensar, sentir e estabelecer relações que também são definidas pela identidade sexual (cf. CIC, 2332). “Os papéis atribuídos a um e ao outro sexo podem variar no tempo e no espaço, mas a identidade sexual da pessoa não é uma construção cultural ou social. Pertence ao modo específico em que a *imago Dei* existe” (CTI, 33).

A Encarnação do Verbo torna mais evidente esta diferenciação pois Cristo assumiu um sexo, tornou-se homem como membro da comunidade humana e como um ser do sexo masculino. A distinção sexual foi estendida à eternidade com a Encarnação e a Ressurreição:

O Senhor Ressuscitado, agora sentado à direita do Pai, continua sendo homem. Podemos ainda observar que a pessoa santificada e glorificada da Mãe de Deus, agora assumida corporalmente ao céu, continua sendo mulher. Quando na Carta aos Gálatas (cf. Gl 3,28) São

Paulo anuncia que, em Cristo, são anuladas todas as diferenças, inclusive aquela entre homem e mulher, está afirmando que nenhuma diferença humana pode impedir a nossa participação no mistério de Cristo (CTI, 35).

A tradição fala de uma reciprocidade e complementaridade pelo modo próprio e peculiar de sua identidade sexual que atesta a necessidade que tem um do outro para alcançar uma plenitude de vida (cf. CTI, 36). A imagem de Deus se realiza também pelo matrimônio que, como tal, tem por meta a perfeição do amor divino (cf. CIC, 2331; LG, 11; GS, 48).

A dialética existencial e a consciência moral

A doutrina conciliar põe em relevo as dimensões essenciais mencionadas na síntese patrística como a situação do homem após o pecado e a consequente divisão interna como “aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem. Porque no íntimo do próprio homem muitos elementos se combatem” (GS, 10). Esta tensão dialética é verificada entre a sua capacidade de conhecer e amar o Criador e a tendência oposta a ela, de modo que “o homem encontra-se dividido em si mesmo. E assim, toda a vida humana, quer singular quer coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas” (GS, 13).

O pecado, que é “um abuso da liberdade que se ergue contra Deus” (GS, 13), vem do coração humano que, no uso de sua liberdade, pode distanciar-se de Deus e daquilo que ele mesmo é, imagem de Deus. Todavia, esta realidade é vencida e toda a atividade humana reorientada através da força da cruz e da ressurreição de Cristo que as encaminha à sua perfeição (cf. GS, 37).

A Igreja, por sua parte, acredita que Jesus Cristo, morto e ressuscitado por todos os homens, a estes oferece pelo Espírito Santo a luz e a força para corresponder à sua altíssima vocação [...] Acredita também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e Mestre (GS, 10).

Temos, portanto, a capacidade da pessoa humana de indagar e discernir a vontade divina porque dotados da liberdade que implica o discernimento moral perante as escolhas e decisões. A responsabilidade é a capacidade correspondente à consciência

moral e à liberdade pela qual se exercita de modo sábio e benévolo, à imitação de Deus, o domínio do homem sobre as próprias escolhas e sobre tudo o que lhe foi confiado.

O conteúdo da lei inscrita⁶⁷ pelo Criador na natureza humana de todos os homens, muitas vezes, obscurecida, significa que Deus lhe deu uma força interior, a força de amar, comunicando-lhe seu próprio amor: “Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo” (GS, 16).

A revelação e realização do mistério humano em Cristo

Segundo a visão patrística e o desenvolvimento da antropologia conciliar, na *Gaudium et Spes*, podemos então afirmar que a vocação do homem se revela e se realiza em Cristo, Novo Adão (GS, 22). De fato, a encarnação é a manifestação do desígnio de Deus em relação ao homem e, sem Cristo, o homem permanece um enigma para si mesmo (cf. *Ibid.*, 21).

A *Gaudium et Spes* apresenta a perspectiva escatológica da plenitude em Cristo (Ef 1,10) que se realiza como um processo de recapitulação salvífica (cf. GS nn. 38; 45)⁶⁸ que alcança todas as realidades humanas e do mundo. Os números 45 e 22 estão intimamente relacionados uma vez que o Verbo encarnado revelou, por sua encarnação, o Pai ao próprio homem. Nele a humanidade e toda a criação têm o seu sentido último.

A recapitulação aparece como luz que esclarece o caminho percorrido não só no quarto capítulo, mas em toda a primeira parte do documento: Cristo, homem novo (GS 22), ilumina a doutrina da dignidade da pessoa humana (GS 12-21); o Verbo encarnado (GS 32)

⁶⁷No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não impôs a si mesmo, mas a qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está chamando ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faze isto, evita aquilo. O homem tem no seu coração uma lei inscrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela será julgado. A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, na qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser (GS, 16).

⁶⁸GS, 38: “O Verbo de Deus pelo qual todas as coisas foram feitas, fazendo-se homem e vivendo na terra dos homens, entrou como homem perfeito na história do mundo assumindo-a e recapitulando-a”.
GS, 45: “O Verbo de Deus, por quem tudo foi feito, fez-se homem, para homem perfeito, a todos salvar e tudo recapitular. O Senhor é o fim da história humana, o ponto para onde tendem as aspirações da história e da civilização, o centro do gênero humano, a alegria de todos os corações e a plenitude as suas aspirações. Foi ele que o pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita, estabelecendo-o juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e reunidos no seu Espírito, caminhamos em direção à consumação da história humana, a qual corresponde plenamente ao seu desígnio de amor: Recapitular todas as coisas em Cristo, tanto as do céu como as da terra (Ef 1,10)”.

elucida a doutrina sobre a comunidade humana (GS 23-31); o Cristo, recapitulador do novo céu e da nova terra (GS 39), explica o sentido da atividade humana no mundo (GS 33-38); o Cristo, alfa e ômega (GS 45), interpreta a função da Igreja no mundo (GS 39-44) (CABRAL, 2007, p. 80).

A perspectiva da recapitulação amplia o horizonte da encarnação de Cristo em sua dimensão redentora, pois o Verbo feito carne “recapitulou todas as coisas em si, porque pôs em movimento o aperfeiçoamento do bem que já estava presente em toda a criação” (Ibid., p.79). A recapitulação operada por Cristo já é plena, porém se processa no tempo escatológico entre o “já” e o “ainda não”.

Neste espaço o homem é chamado a entrar neste movimento e deixar-se recapitular por Cristo e colaborar com Ele na recapitulação de todas as coisas, de modo pessoal e como parte da comunidade humana. A tensão escatológica constitutiva da realidade humana manifesta a sua dignidade e orienta-a para a meta final: “a antropologia abre-se escatologicamente para seu verdadeiro termo: o *sacramentum futuri*, a integração da totalidade da economia terrena no Reino dos céus” (EVDOQUIMOV, 1986, p. 38).

A centralidade de Cristo como caminho existencial

O papa São João Paulo II em sua encíclica inaugural intitulada *Redemptoris Hominis* reafirma os princípios centrais da antropologia conciliar nos mesmos termos de GS 22: “Cristo Redentor [...] revela plenamente o Homem ao próprio homem” (RH, 10). Esta é, segundo o Papa,

[...] a dimensão humana do mistério da redenção. Nesta dimensão o homem reencontra a grandeza, a dignidade e o valor da sua humanidade. No mistério da redenção o homem é novamente reproduzido e, de algum modo, é novamente criado (RH, 10).

Nesta encíclica o Papa São João Paulo II desenvolve a ideia de uma radical e original centralidade de Cristo e do mistério da encarnação e redenção como um caminho para que o homem compreenda e encontre profundamente a si mesmo de um modo integral e não parcial ou reduutivo. Os passos a serem dados são: aproximar-se de

Cristo com toda a sua inquietude, incerteza, fraqueza e pecaminosidade, com a vida e com a morte; entrar em Cristo, com todo o ser; apropriar-se e assimilar toda a realidade da encarnação e da redenção (cf. RH, 10).

Quando este processo profundo realiza-se no homem, produz os frutos de adoração a Deus e de profunda admiração perante si próprio (cf. Ibid. 10). Esta visão cristocêntrica do homem é a base da antropologia cristã, o fundamento da sua dignidade e o horizonte da sua plena realização. Toda a Igreja recebe esta autêntica tarefa formativa, sobretudo em nosso tempo:

a de dirigir o olhar do homem e de endereçar a consciência e experiência de toda a humanidade para o mistério de Cristo, de ajudar todos os homens a ter familiaridade com a profundidade da redenção que se realiza em Cristo Jesus. Simultaneamente toca-se a esfera mais profunda do homem, a esfera [...] dos corações humanos, das vicissitudes humanas (Ibid. 10).

Unir-se em torno a Cristo, anunciar o seu mistério manifestando esta unidade, tornando patente a dimensão divina e ao mesmo tempo humana da redenção e lutando pela dignidade que todos os homens podem alcançar em Cristo (cf. RH 11).

Nestas palavras temos as indicações de um caminho existencial marcado por esta experiência profunda de comunhão viva e vital com Cristo que, revelando o mistério do Pai e do seu amor, manifesta a nova humanidade. Este processo orienta todo o empenho humano de colaboração com o plano salvífico de Deus, o ato pedagógico fundamental que inspira toda a nossa ação formativa.

A manifestação do mistério de Cristo diz respeito à vida humana inteira em todos os seus âmbitos, e visa introduzir cada homem e todo homem num novo modo de ser e de viver (At 22, 8-10). Uma consistente tradição ocidental definia o ato educativo como progressiva condução da pessoa para a plena realização de si mesma. A Igreja acolheu esta visão com hermenêutica nova. A missão da Igreja, portanto, pode ser pensada corretamente em categorias pedagógicas: Meus filhos, sofro novamente as dores do parto até ver Cristo formado em vós (Gl 4, 19) (ANUNCIAI, 2016, n. 81).

O papa Francisco em sua recente Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate* sobre a santidade no mundo atual indica como caminho que conduz à encarnação deste ideal conceber a vida humana segundo o mistério de Cristo: “conceber a totalidade da

tua vida como uma missão” (Ibid., n.21) e permitir (ao Espírito Santo) plasmar em nós aquele mistério pessoal que possa refletir Jesus Cristo no mundo de hoje (cf. Ibid., 21).E deste modo “identificar a palavra, a mensagem de Jesus que Deus quer dizer ao mundo com a tua vida” (Ibid., n. 24). A missão de todo o cristão na terra é conceber a vida como caminho de santidade, pois “cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspecto do Evangelho” (Ibid., n.19).

Esta missão tem o seu sentido pleno em Cristo e só se compreende a partir d’Ele. No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se duma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele. Mas pode também envolver a reprodução na própria existência de diferentes aspetos da vida terrena de Jesus: a vida oculta, a vida comunitária, a proximidade aos últimos, a pobreza e outras manifestações da sua doação por amor. A contemplação destes mistérios, como propunha Santo Inácio de Loyola, leva-nos a encarná-los nas nossas opções e atitudes. Porque tudo, na vida de Jesus, é sinal do seu mistério, toda a vida de Cristo é revelação do Pai, toda a vida de Cristo é mistério de redenção, toda a vida de Cristo é mistério de recapitulação, e tudo o que Cristo viveu, Ele próprio faz com que o possamos viver n’Ele e Ele vivê-lo em nós (*GAUDETE ET EXULTATE*, 2018, n. 20)

O Papa nos relembra o ensinamento de Bento XVI sobre a santidade como o desígnio do Pai em Cristo e nós n’Ele (cf. Ef 1,4):

No centro do desígnio divino está Cristo. No qual Deus mostra o seu Rosto: o Mistério escondido nos séculos revelou-se em plenitude no Verbo que se fez homem. E Paulo depois diz: De facto, aprouve a Deus que nele habite toda a plenitude (Cl 1, 19). Em Cristo o Deus vivente tornou-se próximo, visível, audível, palpável para que todos possam beneficiar da sua plenitude de graça e de verdade (cf. Jo 1, 14-16). Por isso, toda a existência cristã conhece uma única lei suprema, aquela que são Paulo expressa numa fórmula que recorre em todos os seus escritos: em Cristo Jesus. A santidade, a plenitude da vida cristã não consiste em realizar empreendimentos extraordinários, mas em unir-se a Cristo, em viver os seus mistérios, em fazer nossas as suas atitudes, pensamentos e comportamentos. A medida da santidade é dada pela estatura que Cristo alcança em nós, desde quando, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida sobre a sua. É ser conformes com Jesus, como afirma são Paulo: Aqueles que ele conheceu desde sempre, destinou-os para serem conformes com a imagem do seu Filho (Rm 8, 29). E santo Agostinho exclama: Será viva a minha vida toda repleta de Ti (Confissões, 10, 28) (BENTO XVI, 2011).

O papa afirma que a santidade é medida “pela estatura que Cristo alcança em nós, desde quando, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida sobre a Sua” (*GAUDETE ET EXSULTATE*, n.21).

O mistério de Cristo é, por excelência, o caminho performativo do homem. Em Cristo, Verbo encarnado, o ser humano perdido de suas raízes antropológicas encontra o ponto de referência, a meta e o caminho de sua plenitude humana e identidade ontológica. Esta visão cristocêntrica do homem sobre a qual se constrói a antropologia cristã é o fundamento da sua dignidade, a orientação da sua existência e o horizonte da sua plena realização.

A partir da convergência dos elementos antropológicos, em especial referência ao mistério de Cristo, é possível definir um processo pedagógico no qual este caminho existencial de configuração a Ele e de inserção no seu movimento de recapitulação encontre a sua concretização e plena operação a fim de apontar caminhos para um processo formativo de integração à luz do mistério da encarnação.

ABSTRACT

The article presents a theological, anthropological and pedagogical reflection on the formation of the human person in the light of the mystery of the Incarnation. His itinerary is based on theological reflection evidencing the anthropological presuppositions necessary for the construction of a pedagogical work in order to carry out a reading aimed at the integral formation in its multiple aspects. The mystery of the Incarnation as a revelation of the divine plan in relation to man constitutes an authentic paradigm of the formation of the human person called to find in Christ his ontological identity and its fullness.

Keywords: Economy of salvation. Christ. Men. Humanization. Divinization. Recapitulation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. “Clemente de Alexandria”. In: S. G. Camargo (org. e ed.). **Padres da Igreja Ide Clemente Romano a Agostinho**. Campinas: Ecclesiae, 2012, p. 31-36.

_____. **Audiência Geral**. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110413.html> Acesso em 14 de Abr. de 2018.

_____. **Audiência Geral**. Disponível em < http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130109.html > Acesso em 27 de Out. de 2017.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Curso de Cristologia**. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, 2009.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 11 ed. São Paulo: Paulus, 2016.

CABRAL, R. **Cristologia e Antropologia na *Gaudium et Spes***. Disponível em <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/250714-fSvy9Swkvwc4g.pdf>> Acesso em 12 de Abr. de 2017.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus**. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html> Acesso em 12 de Abr. de 2017.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituições decretos declarações. *Dei Verbum*. In: Vier, Frederico (Coord. Geral). **Compêndio do Concílio vaticano II**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 118-139.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Anunciai**. São Paulo: Paulinas, 2016.

COSTA, França. Nos caminhos da cristologia primitiva. In: **De Magistro de Filosofia**, ano VII, n.14, Anápolis. 2014. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2014/10/Nos-caminhos-da-cristologia-primitiva-Fran%C3%A7o%C3%A1-Costa.pdf>>. Acesso em 01 de Nov. 2017.

DAMIÃO, Sérgio A. **Antropologia de Santo Irineu**. Disponível em: <http://www.pucrio.br/pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/teo/teo_serjio_albuquerque_e_damiao.pdf>. Acessado em 03 de Abr. 2017.

DALABENETA, Eduardo. **O Pensamento litúrgico de Edith Stein: contexto, conceito, contribuição**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18324/1/Eduardo%20Dalabeneta.pdf>> Acesso em 14 de Mar. 2017).

DICIONÁRIO TEOLÓGICO DE VIDA CONSAGRADA. São Paulo: Paulus, 1994.

DOCUMENTOS DA CNBB. **Diretório Geral de Catequese**. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

EUFRÁSIO, Thiago de M. **Jesus Cristo e a Pessoa humana: a dignidade humana como graça e missão a partir da *Gaudium et Spes* 22**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6889/2/DIS_THIAGO_DE_MOLINER_EUFRASIO_COMPLETO.pdf>. Acesso em 13 de Jun. 2017.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate***. Disponível em <[*De Magistro de Filosofia – Ano XII – N. 26*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-</u></p></div><div data-bbox=)

[francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html](#)>. Acesso em 12 de Abr. 2018.

EVDOQUIMOV, Paul. **A mulher e a salvação do mundo**. São Paulo: Paulinas, 1986.

IRINEU DE LIÃO. **Adversus haereses**. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. **Encíclicas de João Paulo II: Ecclesia de Eucaristia**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Encíclicas de João Paulo II: Redemptor Hominis**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2006.

LADARIA, LUIS. **O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da trindade**. São Paulo: Loyola, 2005.

LAMELAS, Isidoro P. “A salvação como divinização na Patrística grega”. In: **Actas do Congresso de Fátima** (Coordenação científica: Universidade Católica Portuguesa). Fátima: 2002.

MARCOLINO, Reginaldo. **O mistério da Encarnação em Ladaria**. Mestrado em Teologia com concentração em Dogma. São Paulo, 2011. (PUC-SP). Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18289/1/Reginaldo%20Marcolino.pdf>>. Acessado em 07 de Set. 2017.

MARSILI, Salvatore. **Sinais do Mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade a ano litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 2010.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **Bíblia e Moral: raízes bíblicas do agir cristão**. São Paulo: Paulinas, 2009.

RIBEIRO, Helcion. **A encarnação de nosso Deus e a realização do homem**. São Paulo: Loyola, 1993.

RULLA, Luigi Maria. **Antropologia da vocação cristã: bases interdisciplinares**. São Paulo: Paulinas, 1987.

SANTOS, Eduardo. A descida do Deus Trindade- A kénosis da Trindade. **Cultura Teológica**. ano 16 n. 62. São Paulo: 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15629/11658>>. Acesso em 14 de Out.2017.

SEEANNER, Michael Joseph, ORC. **Corpus Paulinum**. Anápolis-GO: Instituto Sapientiae, 2017.

TEIXEIRA, Vitor. J. O. **Cristo revela o homem ao próprio homem (GS 22): história, hermenêutica e recepção de um ensinamento conciliar**. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: 2014. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16170/1/Cristo%20revela%20o%20Homem%20ao%20pr%C3%B3prio%20Homem%20%28GS%2022%29.%20Hist%C3%B3ria%20%20hermen%C3%AAutica%20e%20recep%C3%A7%C3%A3o%20de%20um%20ensinamento%20conciliar.%20Tese%20de%20Vitor%20Joaquim%20Oliveira%20Teixeira.pdf>>. Acesso em 01 de Mar. 2017.

TOMASI, Flávio. L. M. de. **Ouro Testado no fogo: acompanhamento psicoespiritual entre mistério e seguimento**. São Paulo: Paulinas, 2007.

THANNER, Nathanael. A consumação do “Mistério de Cristo”: a união de todas as criaturas em Cristo segundo o modelo divino-trinitário e através da Eucaristia. *Sapientia Crucis*. ano IX, n. 9. Anápolis: 2008, p. 133-228.

_____. A encarnação do Filho de Deus continua até o fim dos tempos . *Sapientia Crucis*. Ano XV n.15. Anápolis: 2014. p. 47-80.

XAVIER, Donizete. J. A kénosis da Trindade. *Cultura Teológica*. Ano 15, n. 59. São Paulo: 2007. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15665/11734>>. Acesso em 26 de Out. 2017.